

28. 11. 49

MANHÃ

RUBEM BRAGA

EU trabalho, certamente, organizar esta pura e limpa manhã. Foi preciso primeiro fazer uma pressão muito grande; depois soltar um noroeste caivoso, desigual, poeirento e neurastênico, pelo fim do domingo; e na segunda e na terça lavar e perdoar tudo com as chuvas de um sudoeste frio. Para então, do bójo de uma noite indecisa, nascer esta manhã de ar fino e luz loira, tão macia e tranquila que parece que o mundo está nascendo de novo.

Entretentes a vida urbana continuou; e aconteceram tantas coisas extraordinárias que acabou indo a um teatro. Foi ali atrás, na praça General Osório — o teatro de bolso de Lauro Lessa, tão pequeno e tão cheio de bom gosto, desde a arrumação feliz até a decoração simples de Aldary, os quadros de Arnani, o programa de Thiré. No palco, uma farsa velha de 500 anos, "A Farsa do Advogado Pathelin". Recomendo vivamente aos pais da zona Sul que levem lá seus filhos, numa tarde de sábado ou de domingo. Nas outras noites devem ir eles mesmos ver "A necessidade de ser polígamo", desse admirável Silveira Sampaio, que enche o nosso teatro de graça carioca quando tudo o empurra para a tragédia grega. Ou então façam o que eu ainda não fiz porque sou um animal: vão ver Renata Fronzi, no Teatrino Jardim. As damas dizem que é realmente linda — e os cavalheiros apenas balançam a cabeça para baixo e para cima e ficam mudos de emoção.

Sexta-feira, começa uma festa plástica: inaugura-se a exposição de pintura e escultura no novo prédio da Sul América Terrestres, rua do Ouvidor, 61. E' um belo prédio em travertino; dentro encontraremos

esculturas de Bruno Giorgi, muito bonitas, que fazem parte do prédio; e, durante duas semanas, mais o seguinte: a exposição de pintura abstrata que o Museu de Arte Moderna de São Paulo cedeu; uns 10 quadros modernos da coleção permanente do referido Museu, e mais outros do Museu de Arte de São Paulo, e mais outros de coleções particulares, e ainda pintura e escultura brasileira. Desta maneira o sr. Leonídio Ribeiro, que é um colecionador de gosto, movimentará várias boas vontades para que o Rio veja coisas que de outro modo só São Paulo veria; e nestes próximos três sábados à tarde haverá conferências e debates.

Houve um ajuntamento de alguns sócios da quase finada ABDE em que o sr. Pedro Mota Lima fez algumas pilhérias de gosto e cheiro muito duvidosos contra o sr. Edison Carneiro, o que é lamentável. Mais lamentável, entretanto, é a notícia de Paris segundo a qual as salas, que continuam bastante compridas mesmo depois da recente alta, estão agora mais estreitas, o que dará a muitas damas um ar um tanto estranho de guarda-chuvas mal fechados: os decotes, depois dos vitoriosos avanços pelos flancos, progridem agora em ângulo agudo, verticalmente. Entre nós algumas damas estão cortando demais os cabelos e se esse mau gosto continuar acabará usando boquinha em forma de coração, sobranceiras de risquinho e "pega-rapaz", coisas do tempo em que o Braga era um dos pegáveis.

Entretentes, na luz da manhã linda, passa uma ginásiana com sua carteira. Na esquina há um senhor melo gordo, vestido de preto, com a cabeça muito grande, que a olha passar e murmura alguma coisa. Deve ser o sr. Paul Verlaine, e com certeza murmurou: "ja t'apprendrai, chère petite, se qu'il te fallait savoir peu...".

Mas é engano; o homem se aproxima de minha janela e me oferece mil contos, com um bilhete na mão. E' muita coisa para o velho Braga; obrigado, senhor — digo-lhe, quase sinceramente.